

EDITORIAL

Neruda, em “El mar”, diz “necesito el mar porque me enseña” – poema que aparece em nossa seção literária deste número da Revista. Talvez esse aprender com as forças incontrolláveis da natureza seja o mais duro aprendizado que nós, seres humanos, temos constantemente diante de nosso horizonte. Aprender com a natureza é reconhecer nossa insignificância ante o mundo em toda a sua potência, e não aquele mundo pequeno tem em nós seu centro. Reconhecer nosso próprio tamanho frente ao mundo, ao contrário do que possa parecer, é de uma força imbatível – é entender que nosso conhecimento é limitado e subjetivo, mas, dentro desses parâmetros, entendemos que cada trabalho, cada estudo é um esforço para expandir nossas fronteiras do saber. Abarcar isso como parte de nossa prática acadêmica é assumir uma postura científica concreta, daquela que não produz verdades, mas sim entende condições e, além de tudo, é mais empática e disposta ao diálogo. Diálogo imensamente necessário nos dias de hoje. Esse espaço de diálogo é o que desejamos e o que pretendemos fomentar na revista Encontros de Vista, que, neste número, apresenta uma série de trabalhos que buscam discutir uma ampla gama de temas nas áreas de Literatura e Linguística.

No trabalho **“A colheita do imaginário: uma análise dos símbolos viagem e casa na narrativa de Nelida Piñon”**, Marina Maimone de Almeida e Sherry Almeida buscam discutir sobre o paradigma humano de finitude através da análise do conto “Colheita”, parte do livro Sala de Armas. Já Antony Cardoso Bezerra e Ricardo Sérgio Nascimento Rosas analisam o romance **“Desporto-rei, de Romeu Correia: o futebol e os estrangeiros no estado novo português”**, observando o papel do futebol e de que maneira esse governo lidou com a presença de estrangeiros durante a Segunda Guerra Mundial.

O artigo de Camila da Silva Lucena, intitulado **“A construção discursiva do ciberativismo: dialogismo, alteridade e pontos de vista”**, tem como objetivo analisar a construção dialógica de campanhas virais que surgem nas redes sociais, motivadas por polêmicas que não acontecem necessariamente no meio virtual. Ao considerar a abrangência do ENEM, que mobiliza aproximadamente 6 milhões de participantes e, possivelmente, influencia a prática de muitos professores, Anderson Lins Rodrigues propõe compreender, no artigo **“O estado, a língua e o / no ENEM”**, à luz da Análise de Discurso de linha francesa, as estratégias discursivas de controle/regulagem da língua e de sua heterogeneidade que sustentam o funcionamento polêmico do discurso sobre a Língua Portuguesa no ENEM.

Mizael Inácio Nascimento e Myllena Alves de Jesus, em **“Lingua(gem): de sistema perfeito a lugar de equívocos”**, refletem sobre as perspectivas resultantes das investigações sobre a Língua(gem) ocorridas, evidenciando a arduidade com que filósofos e linguistas se esforçaram para compreender esse sistema vivo, mutável, espaço também de equívocos, falhas, incongruências, pontuando o fascínio por esse estudo, que é primitivo, propagando-se desde a Antiguidade Clássica e se mantendo até os dias atuais. Já em **“A reescrita como prática de uma avaliação formativa”**, Sandra Helena Dias de Melo discute como os sujeitos graduandos da licenciatura inseridos no Programa de

Iniciação à Docência têm adotado a escrita como objeto de ensino-aprendizagem numa avaliação formativa.

Ancorado na Análise do Discurso de linha pecheuxiana, o artigo **“Do ritual à falha’: entendendo a construção de sentidos pelas fissuras da interpelação”**, de autoria de Myllena Alves de Jesus, visa compreender como a construção de sentidos está primordialmente ligada à interpelação do sujeito. Para tanto, ela discute que, enquanto sujeito histórico, o sujeito discursivo – duplamente afetado pela ideologia e pelo inconsciente – é cego quanto a isso e se acha na origem de si e fonte de seu dizer quando, na verdade, apenas retoma sentidos preexistentes.

Dina Maria Martins Ferreira e Marcos Alberto Xavier Barros, no artigo intitulado **“Escola sem partido: uma virtude discursiva?”**, analisam os significados discursivos veiculados no cartaz do Programa Escola Sem Partido, em que consta os deveres do professor, de modo a não ser condutor de doutrinação ideológica junto aos alunos, e sim de uma postura de neutralidade partidária.

Por fim, reiteramos, como de costume, nosso convite às leitoras e aos leitores para se renovarem com a vigésima segunda edição. Sejam muito bem-vindas/bem-vindos para desvelarem novas produções de sentido!

Boa leitura!

Os Editores